

MATERNAGEM. QUANDO O BEBÊ PEDE COLO



Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e brancos na escola* é destinada a professores da educação infantil e do ensino fundamental. Seu intuito é discutir de maneira direta e com profundidade alguns temas que constituem verdadeiros dilemas para professores diante das discriminações sofridas por crianças negras de diferentes idades em seu cotidiano nas escolas.

Diferenciar é uma característica de todos os animais. Também é uma característica humana muito forte e muito importante entre as crianças, mesmo quando são bem pequenas, na idade em que freqüentam creches e pré-escolas e começam a conviver com outras observando que não são todas iguais.

Mas como lidar com o exercício humano de diferenciar sem que ele se torne discriminatório? O que fazer quando as crianças se dão conta da diferença entre a cor e a textura dos cabelos, os traços dos rostos, a cor da pele? Como evitar que esse processo se transforme em algo negativo e excludente? Como sugerir que as crianças brinquem com as diferenças no lugar de brigarem em função delas?

*Os 10 volumes que compõem a coleção *Percepções da Diferença* chamam a atenção para momentos em que a diferenciação ocorre, quando se torna discriminatória, e sugerem formas para lidar com esses atos de modo a colaborar para que a auto-estima e o respeito entre crianças sejam construídos.*

Os autores discutem conceitos e questionam preconceitos. Fazem sugestões de como explorar as diferenças de maneira positiva, por meio de brincadeiras e histórias, e de leituras que possam auxiliá-los a aprofundar a reflexão sobre os temas, caso desejem fazê-lo.

Para compor a coleção convidamos especialistas e educadores de diferentes áreas. Cada volume reflete o ponto de vista do autor ou da autora de modo a assegurar a diversidade de pensamentos e abordagens sobre os assuntos tratados.

Desejamos que a leitura seja prazerosa e instrutiva.

Gislene Santos

COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA

VOLUME 2

MATERNAGEM: QUANDO O BEBÊ PEDE COLO

*“Para nós, o ser humano é um ser de necessidades,
que só se satisfazem socialmente em relações que
o determinam. O sujeito não é só um sujeito relacionado,
é um sujeito produzido em uma práxis.*

*Nele não há nada que não seja resultante da interação
entre indivíduo, grupos e classes.”*

(Pichon-Rivière, 1983)

As relações étnico-raciais nos contextos escolares

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário-Executivo

José Henrique Paim Fernandes

**Secretário de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade**

André Luiz Figueiredo Lázaro

**COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA.**

Apoio:

Ministério da Educação - Secretaria de Educação
Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD)
Programa UNIAFRO.

Realização:

NEINB - Núcleo de Apoio à Pesquisas em
Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro,
da Universidade de São Paulo - USP.
Coordenação da coleção: Gislene Aparecida dos Santos
Projeto gráfico: Jorge Kawasaki
Pinturas das capas: Zulmira Gomes Leite
Ilustrações: Marcelo d'Saete
Editoração: Nove&Dez Criação e Arte
Revisão: Lara Milani

ISBN 978-85-296-0082-6 (Obra completa)

ISBN 978-85-296-0084-0 (Volume 2)

Impresso no Brasil

2007

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução | 11 |
| Desenvolvimento infantil e introjeção do racismo | 15 |
| A importância do corpo, da fala e do olhar nos cuidados com o bebê e a criança..... | 20 |
| O desenvolvimento psicosexual, emocional e cognitivo | 25 |
| A família na história – a história da família | 29 |
| Algumas considerações | 36 |
| Perguntas e respostas | 37 |
| Para saber mais | 45 |
| Referências bibliográficas | 45 |
| Glossário da coleção | 47 |

PLANO DA OBRA

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e brancos na escola* é composta pelos seguintes volumes:

1 - Percepções da diferença. Autora: Gislene Aparecida dos Santos

Neste volume são discutidos aspectos teóricos gerais sobre a forma como percebemos o outro. Para além de todas as diretrizes pedagógicas, lidar com as diferenças implica uma predisposição interna para repensarmos nossos valores e possíveis preconceitos. Implica o desejo de refletir sobre a especificidade das relações entre brancos e negros e sobre as dificuldades que podem marcar essa aproximação. Por isso é importante saber como, ao longo da história, construiu-se a ideologia de que ser diferente pode ser igual a ser inferior.

2 - Maternagem. Quando o bebê pelo colo. Autoras: Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins

Este volume discute o conceito de maternagem e mostra sua importância para a construção da identidade positiva dos bebês e das crianças negras. Esse processo, iniciado na família, continua na escola por meio da forma como professores e educadores da educação infantil tratam as crianças negras, oferecendo-lhes carinho e atenção.

3 - Moreninho, neguinho, pretinho. Autor: Luiz Silva - Cuti

Este volume mostra como os nomes são importantes e fundamentais no processo de construção e de apropriação da identidade de cada um. Discute como as alcunhas e os xingamentos são tentativas de desconstrução/desqualificação do outro, e apresenta as razões pelas quais os professores devem “decorar” os nomes de seus alunos.

4 - Cabelo bom. Cabelo ruim. Autora: Rosângela Malachias

Muitas vezes, no cotidiano escolar, as crianças negras são discriminadas negativamente por causa de seu cabelo. Chamamentos pejorativos como “cabeça fuá”, “cabelo pixaim”, “carapinha” são naturalmente proferidos pelos próprios educadores, que também assimilaram estereótipos relativos à beleza. Neste volume discute-se a estética negra, principalmente no que se refere ao cabelo e às formas como os professores podem descobrir e assumir a diversidade étnico-cultural das crianças brasileiras.

5 - Professora, não quero brincar com aquela negrinha! Autoras: Roseli Figueiredo Martins e Maria Letícia Puglisi Munhoz

Este volume trata das maneiras como os professores podem lidar com o preconceito das crianças que se isolam e se afastam das outras por causa da cor/raça.

6 - Por que riem da África? Autora: Dilma Melo Silva

Muitas vezes crianças bem pequenas já demonstram preconceito em relação

a tudo que é associado à África: música, literatura, ciência, indumentária, culinária, arte... culturas. Neste volume discute-se o que pode haver de preconceituoso em ler desses conteúdos. Apresentam-se ainda elementos que permitem uma nova abordagem do tema artes e africanidades em sala de aula.

7 - Tímidos ou indisciplinados? Autor: Lúcio Oliveira

Alguns professores estabelecem uma verdadeira díade no que diz respeito à forma como enxergam seus alunos negros. Ora os consideram tímidos demais, ora indisciplinados demais. Neste volume discute-se o que há por trás da suposta timidez e da pretensa indisciplinada das crianças negras.

8 - Professora, existem santos negros? Histórias de identidade religiosa negra. Autora: Antonia Aparecida Quintão

Neste volume se discutem aspectos do universo religioso dos africanos da diáspora mostrando a forma como a religião negra, transportada para a América, foi reconstituída de modo a estabelecer conexões entre a identidade negra de origem e a sociedade à qual esse povo deveria se adaptar. São apresentadas as formas como a população negra incorporou os padrões do catolicismo à sua cultura e como, por meio deles, construiu estratégias de resistência, de sobrevivência e de manifestação de sua religiosidade.

9 - Brincando e ouvindo histórias. Autora: Sandra Santos

Este volume apresenta sugestões de atividades, brincadeiras e histórias que podem ser narradas às crianças da educação infantil e também aspectos da História da diáspora africana em território brasileiro, numa visão diferente da abordagem realizada pelos livros didáticos tradicionais. Mostra o quanto de contribuição africana existe em cada gesto da população nacional (descendentes de quaisquer povos que habitam e colaboraram para a construção deste país multiétnico), com exemplos de ações, pensamentos, formas de agir e de observar o mundo. Serve não só a educadores no ambiente escolar, mas também ao lazer doméstico, no auxílio de pais e familiares interessados em ampliar conhecimentos e tornar mais natural as reações das crianças que começam a perceber a sociedade e seu papel dentro dela.

10 - Eles têm a cara preta. Vários autores

Este exemplar apresenta práticas de ensino que foram compartilhadas com aproximadamente 300 professores, gestores e agentes escolares da rede municipal de educação infantil da cidade de São Paulo. Trata-se da Formação de Professores intitulada Negras imagens. Educação, mídia e arte: alternativas à implementação da Lei 10.639/03, elaborada e coordenada por pesquisadoras do NEINB/USP simultânea e complementarmente ao projeto Percepções da Diferença Negras e brancos na escola.

As autoras:

Maria Aparecida Miranda é mestre em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Possui experiência profissional em consultoria, elaboração, gerenciamento, supervisão e coordenação de programas nas áreas: social, de saúde, de educação e de cultura. É psicóloga do Instituto AMMA Psique e Negritude.

Marilza de Souza Martins é psicóloga com experiência na área clínico-institucional, psicoterapeuta reichiana, analista bioenergética-CBT, professora do Departamento Reichiano do Instituto Sedes Sapientiae, co-fundadora e conselheira do Instituto AMMA Psique e Negritude.

Projeto gráfico: Jorge Kawasaki

Diretor de Arte e designer gráfico, iniciou a carreira em 1974, trabalhou em empresas como Editora Abril e Editora Globo. Criou e produziu vários projetos como colaborador na Young&Rubican, Salles, H2R MKT, Editora K.K. Shizen Hosoku Gakkai (Tôquio, Japão), entre outras.

Pinturas das capas: Zulmira Gomes Leite

Teóloga, Artista Plástica, Acadêmica da Academia de Letras, Ciências e Artes da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo. Assina as Obras de Artes como Zul+.

Ilustrações internas: Marcelo d'Salete

É ilustrador e desenhista / roteirista de histórias em quadrinhos. Ele mora em São Paulo, capital, estudou comunicação visual, é graduado em artes plásticas e atualmente mestrando em História da Arte. Seu tema de estudo é arte afro-brasileira. Ilustrou os livros infantis Ai de tí, Tietê de Rogério Andrade Barbosa; Duas Casas, de Claudia Dragonetti; entre outros. Participou da Exposição Conseqüências do Injuve, Espanha, 2002; da Exposição de originais da revista Front no FIQ, MG, 2003; e da Exposição Ilustrando em Revista, Editora Abril, 2005. Foi finalista do Concurso Folha de Ilustração 2006.

Maria Aparecida Miranda
Marilza de Souza Martins

VOLUME 2

MATERNAGEM: QUANDO O BEBÊ PEDE COLO

COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA

Organização
Gislene Aparecida dos Santos

1ª edição
São Paulo
Ministério da Educação
2007

Introdução

A discussão do tema das relações étnico-raciais (racismo, discriminação, preconceito) causa, ainda hoje, certo mal-estar. Esse mal-estar é maior ainda quando nos propomos a trazê-lo como uma questão central no ambiente escolar, principalmente quando tratamos de educação infantil, pois, via de regra, há uma tendência à negação, por parte dos educadores, que tais fatos ocorram.

Os profissionais responsáveis pela educação infantil estão inseridos em um contexto social que não aprendeu a conviver com as diferenças étnicas. Dessa forma, não estão isentos de reproduzir, mesmo que inconscientemente, valores, crenças, atitudes preconceituosas.

Portanto, é de fundamental importância que coloquemos em pauta a discussão e a reflexão sobre tais questões, caso contrário, a educadora e o educador poderão tornar-se disseminadores da discriminação racial. Negar a existência das diferenças em qualquer nível e de atitudes preconceituosas e discriminatórias no ambiente escolar não faz com que elas desapareçam. Ao contrário, faz com que se perpetuem, tornando as crianças discriminadas indefesas diante dos preconceitos e estereótipos que vivenciam cotidianamente, sem que os profissionais da educação cumpram o papel de mediadores desses conflitos, inviabilizando que os alunos possam refletir criticamente acerca das relações étnico-raciais no interior da escola e da sociedade como um todo.

Lidar com as diferenças, com a diversidade, sem transformá-las em desigualdades é o desafio que se coloca para educadores e educadoras. A creche e a escola de educação infantil significam, para a criança e para sua família, a primeira saída para enfrentar os outros e a vida depois dos primeiros anos protegidos na convivência familiar. Portanto, quanto mais cedo começarmos a discutir o problema de discriminação de nossas crianças, maiores nossas possibilidades de transformação dessa realidade.

Este texto baseia-se nas relações interétnicas no ambiente escolar e em como estas são atravessadas por noções preconceituosas e/ou discriminatórias tanto pelas crianças quanto pelos adultos que habitam esse ambiente. Tem como foco principal o papel de educadoras e educadores na educação infantil.

Para isso, vamos percorrer o conceito de maternagem, formulado por autores que se dedicam a pensar o desenvolvimento infantil.



MATERNAGEM

*“... alguém que se ama,
que tem segurança de seus sentimentos,
está mais preparado para ajudar
a criança a desenvolver sua auto-estima.”*

(Gostando mais de nós mesmos, 1999)

Por maternagem compreende-se o conjunto de cuidados dispensados ao bebê com o objetivo de atender às suas necessidades. Estas são descritas como necessidade de “continência”, que compreende não apenas o ato mecânico de segurar o bebê no colo, mas também o suporte físico e emocional e os cuidados quanto ao manuseio (do corpo). A maternagem

envolve, portanto, a sensibilidade da mãe – entendendo aqui a mãe propriamente dita ou a pessoa que exerce a função materna – em decodificar e compreender essas necessidades, estabelecendo uma rotina que favoreça o crescimento da criança, seu desenvolvimento e estabilidade emocional e ofereça proteção contra os perigos externos.

Nenhuma criança recém-nascida sobrevive sem cuidado materno. Neste estágio ela tem potencialmente uma tendência a se desenvolver, condicionada pela unidade mãe-bebê, em que se estabelece uma íntima relação entre ambos. Seu processo evolutivo nestes primeiros anos de vida compreende três estágios de diferenciação: **dependência total** (0 a 6 meses) – a criança não consegue formular, através da fala, seus sentimentos, no entanto, tem toda uma linguagem gestual que nos permite entender como ela vivencia as relações com as pessoas e com as coisas, e não tem controle do que acontece com relação ao cuidado materno; **dependência relativa** (6 meses a 2 anos) – a criança é consciente e tem de aprender a lutar com a ausência temporária da mãe; **direção à independência** (2 anos ou mais) – ela pode lidar com a ausência dos cuidados maternos e desenvolve confiança no meio.

Para que a criança passe por esse processo de maturação sem traumas, Winnicott distingue três aspectos no cuidado materno: o suporte adequado ao corpo (integração); o manejo apropriado de como cuidar (personalização); a forma correta de os objetos se apresentarem (relações objetais), ou seja, como a mãe vai apresentando o mundo para o bebê, por exemplo: a papinha, o cocô, o amiguinho etc.

Assim, através desse processo, a mãe, ou a pessoa que exerce a maternagem, é quem deverá acolher o bebê, interagindo com ele nos cuidados com a higiene corporal e a alimentação, e principalmente propiciando contato afetivo por meio do olhar, do toque terno, das cantigas e das palavras, as quais vêm dar sentido a tudo o que o bebê está vivendo.

A mãe, ao se ver “una” com o bebê, aproxima-se de suas necessidades podendo discernir o que é agradável para ele ou o que é necessário para aliviá-lo de qualquer desconforto.

*Ninguém pode dar
“holding” (suporte) à
criança se não estiver
identificado com ela”*

Winnicott

Essa adaptação no início da relação é essencial, já que o apoio e a atenção da mãe facilitam a organização do bebê, que com o tempo se torna capaz de sair do estado de dependência absoluta para a independência, firmar sua própria individualidade e tornar-se sujeito.

Assim, se não houver uma íntima conexão com as necessidades da criança e não se respeitarem as mudanças que ocorrem no seu processo, ela não relaxa, ela é exposta a experiências que não podem ser integradas, levando a sérios comprometimentos de ordem emocional ou relacionados às funções cognitivas.

Esse é o quadro sobre o qual está desenhada a maternagem, a função materna. Função esta, na maioria das vezes, exercida pela mãe, que também pode ser realizada por outra pessoa.

O exercício da maternagem requer aprendizagem, portanto, o educador dentro de suas funções deverá desenvolver habilidades para pautar suas ações na construção desse papel.

Como vimos apontando ao longo deste texto, é necessário o olhar de-sejante do outro para que o sujeito se constitua enquanto tal.

A criança busca estabelecer com o(a) educador(a) situações e emoções primitivas como aquelas que estabeleceu ou ainda estabelece com a mãe, ou seja, suas experiências das primeiras relações amorosas.

Melanie Klein nos diz que, quando atribuímos parte de nossos sentimentos a outra pessoa, compreendemos seus sentimentos, suas necessidades e satisfações; em outras palavras, estamos nos colocando na *pele* do outro. É possível ao educador colocar-se na “pele da mãe negra” ou colocar-se na “pele do bebê ou da criança negra”?

Os educadores, assim como os pais, são figuras importantes na vida da criança. Eles representam autoridade, ocupam lugar de admiração, são modelos de identificação.

“Por vezes essa descoberta é imediata, embora possa ser perturbada pelo medo de agir mal, a mãe não sabendo ainda como reconhecer a linguagem explícita da criança”

Ajuriaguerra

O “colocar-se na pele”, o colocar-se no lugar do outro, significa estar atento e respeitar diferenças e diversidade e não entendê-las como marca de inferioridade:

- É não aceitar as piadas, os apelidos pejorativos dirigidos a seus alunos negros, e justificá-los como “brincadeira de criança”: não são brincadeiras ingênuas de criança. São as crianças brancas e não as negras repetindo padrões de comportamento e, assim, difundindo e mantendo o racismo em nossa sociedade;

- É compreender que a criança negra, ao ser xingada por um “colega”, sente-se humilhada, envergonhada, inferiorizada; é destituída de seu nome próprio, de sua humanidade quando lhe atribuem características animais;

- É poder aproximar-se, tocar o corpo do bebê, da criança negra, como expressão de afeto.

A crítica ao racismo não tem sido abordada na socialização das crianças, impossibilitando que estas criem um repertório de argumentos contra a discriminação, sejam elas negras ou brancas. Dessa forma, a escola contribui para o silenciamento das crianças negras, podendo instaurar um sentimento de invisibilidade, gerar uma angústia paralisante, comprometer seus talentos, suas habilidades, suas potencialidades. Essa experiência poderá levá-las a se questionarem reiteradamente sobre o que é preciso para serem olhadas, reconhecidas por seus(suas) educadores(as).

DESENVOLVIMENTO INFANTIL E INTROJEÇÃO DO RACISMO

A literatura psicanalítica é rica nos conhecimentos que nos traz sobre o funcionamento de nosso aparelho psíquico – onde ficam inscritas nossas impressões primitivas, assim como o significado de cada uma delas, articuladas de forma entrelaçada, como numa rede –, sobre o desenvolvimento humano, sobre suas fases e sobre a formação de vínculos.

“... viver é estar em uma situação de encontro. O bebê funda sua existência através da percepção que tem dos primeiros encontros com a mãe, seja essa percepção prazerosa ou frustrante. A primeira representação que a psique forma de si mesma vem desses primeiros encontros”

(Piera Aulagnier)

É de fundamental importância a fase infantil do desenvolvimento na constituição de nossa identidade. Esta também é uma fase em que são conflituosas e intensas as experiências, a começar da saída do útero materno marcando a **primeira perda significativa em nossa vida: o conforto do útero protetor**. O nascer é desorganizante.

O ser humano nasce extremamente frágil, dependente e imaturo no seu desenvolvimento. Sua vida, tanto física quanto mental, vai surgir a partir do encontro do seu corpo com o corpo e as produções psíquicas da mãe ou daquela(e) que ocupa essa função materna.

O processo pelo qual vamos nos tornando aptos para a sobrevivência envolve complexas relações. Esse processo de aprendizagem é marcado por fases e se dá a partir de elaborações consecutivas de uma fase a outra, com o acúmulo de experiências que envolvem cada uma das etapas.

Nascemos, a priori, com os cinco sentidos, mas eles precisam ser ativados. Ao nascer, o bebê é só sensação. Ele não possui ainda uma percepção de si e do outro. Aliás, o outro não existe para ele nesse momento. É a partir de sensações de prazer e desprazer e dos primeiros encontros com o corpo da mãe que vai se constituindo o imaturo aparelho psíquico do bebê.

Inicialmente a sensação de desprazer sentida pelo bebê é seguida por descarga motora – choro, movimento corporal. É o chamado processo primário de desenvolvimento. Não está presente ainda, nesse momento, o processo secundário, ou seja, o pensamento, a crítica, a possibilidade de uma ação específica para satisfação de suas necessidades.

O que vai transformar as sensações do bebê em percepções é o olhar, a fala, o toque e o desejo da mãe. Ela é a porta-voz do bebê. É a mãe que vai anunciando para o bebê o que ele quer, o que ele precisa – se é de alimento, se é de cuidado com a higiene, se é de carinho.

Essas sensações (o que causou prazer/desprazer, satisfação/insatisfação), juntamente com as palavras, vão adquirindo significado para o bebê. As sensações dão lugar às representações, isto é, imagens previamente percebidas, e vão imprimindo marcas, que darão origem à memória (marcas mnêmicas), que serão armazenadas na psique do bebê.

Os sentimentos de proteção, de segurança e de confiança que estabelecem as bases sobre as quais se dará o crescimento e o fortalecimento de uma adaptação ativa à realidade dependem de como a relação da criança com seu entorno foi se constituindo.

Quando vai para a creche ou para a escola de educação infantil, a criança transfere parte dessa relação para o(a) educador(a), enfim, para quem cuida dela e exerce aí a “função materna”.

Podemos pensar a imagem do bebê como um ímã, isto é, ele vai captando, trazendo para si a sensação de quem cuida dele. Esse é um momento importante para algumas indagações aos(às) educadores(as): quais as principais sensações presentes ao cuidar das crianças com as quais se trabalha? Sentem-se mais confortáveis manuseando um corpo branco ou um corpo negro? Que outros sentimentos estão presentes nesse momento? A atenção, o olhar, o toque, enfim, o cuidado que dispensam a uma criança branca é o mesmo que dão a uma criança negra?

A qualidade dos vínculos na vida adulta estará intimamente relacionada à maneira como essas necessidades básicas da criança foram sendo atendidas, de como pôde contar com o auxílio do mundo externo para resolver as necessidades de seu mundo interno.

Isso se traduz na existência de alguém que deseje por nossa vida, que nos deseje. E aqui também é determinante o tipo de desejo que a sociedade nutre por seus integrantes.

Nos estágios mais primitivos, é o cuidado da mãe com o bebê expresso por meio do amor e da compreensão que dá unidade ao inconsciente da mãe e do bebê, isto é, estabelece uma íntima relação entre eles.

A mãe representa todo o mundo externo. O bom e o mau chegam até a mente do bebê através dessa relação com a mãe. Assim, a mãe é tanto objeto de amor como de hostilidade para o bebê.

O que pode despertar no bebê uma hostilidade em relação à mãe? Ao ter uma sensação desagradável, que pode ser fome, frio, dor, o bebê sente, conforme nos aponta os estudiosos do desenvolvimento infantil, como se estivesse sendo aniquilado, como se fosse esvair-se, morrer. O choro é um sinal de que algo não vai bem e um “pedi-

“... a agressividade inata inegavelmente aumentará pelas circunstâncias externas desfavoráveis e, inversamente, será mitigada pelo amor e compreensão que a criancinha receber, e tais fatores continuam operantes durante todo o desenvolvimento. ... alguns bebês experimentam intenso ressentimento por qualquer frustração e demonstram isso pela incapacidade de aceitar a gratificação quando ela se segue à privação”.

M. Klein

do de socorro”. Ao não ser atendido em sua necessidade ou esta não ser devidamente decodificada, vive um sentimento de frustração e, conseqüentemente, raiva e hostilidade com quem “deveria” livrá-lo daquela sensação desagradável.

A partir da relação primitiva com a mãe, o bebê vai adquirindo a capacidade de ampliar para outras pessoas do seu entorno vários sentimentos, dentre os quais se polarizam o amor e o ódio.

A psique, a subjetividade do sujeito, é constituída neste interjogo – mundo interno-mundo externo. A subjetividade representa nossa singularidade, como vamos nos constituindo a partir do desenvolvimento e de como vivenciamos as experiências da vida social e cultural. É aquilo que o sujeito constrói internamente a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; representa o mundo de idéias, significados e emoções sendo, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais.

Essa interação, que tem início nas fases primitivas do desenvolvimento, estende-se através de cada estágio, modificando-se de acordo com a maturação e a ampliação das capacidades de apreensão, porém continuará sendo um fato importante na relação do indivíduo com o mundo. Levamos para a vida adulta, inconscientemente, a experiência dos primeiros anos de vida.

Essa interação, que tem início nas fases primitivas do desenvolvimento, estende-se através de cada estágio, modificando-se de acordo com a maturação e a ampliação das capacidades de apreensão, porém continuará sendo um fato importante na relação do indivíduo com o mundo. Levamos para a vida adulta, inconscientemente, a experiência dos primeiros anos de vida.

Grande parte do desenvolvimento afetivo está baseada em fantasias inconscientes. O exemplo mais comum de ser observado é que um bebê com fome pode fantasiar/alucinar que está sugando o seio

“A mãe em seus bons aspectos – amando, ajudando e alimentando a criança – é o primeiro objeto bom que a criança inclui em seu mundo interno”.

M. Klein

e, assim, ter temporariamente suprida sua necessidade. Sentimento de prazer. O contrário também pode ocorrer. Pode sentir-se privado do seio, vivenciando sentimento de raiva/desprazer.

Essa relação inicial com o seio e com o que o acompanha, ou seja, o gosto do leite, o cheiro da mãe, o aconchego ao corpo, vai se tornando mais elaborada e vai sendo ampliada para outros objetos e para outras pessoas do seu entorno.

Toda essa complexidade de relação que vimos apresentando denomina-se vínculo. Portanto, *vínculo é a forma pela qual se estabelece a relação entre a mãe e o bebê, é a base para o desenvolvimento da criança e de seus relacionamentos futuros*. Existem vários tipos de vínculos, porém, podemos dizer que aquele que existe entre mãe e bebê em seus primeiros meses de vida é o chamado vínculo simbiótico: *mãe e criança parecem um só*, uma unidade, *a criança sente-se fundida com a mãe*. A mãe precisa “regredir”, é como se ela se tornasse também uma criança, identificando-se com o bebê, para assim compreender ou melhor interpretar suas necessidades para poder atendê-las.

À medida que a criança começa a se diferenciar da mãe no seu processo de desenvolvimento, esse tipo de vínculo simbiótico não permitirá que ela cresça. Moldar-se às necessidades da criança, a partir desse momento, significa não responder de imediato, mas propiciar um espaço para que ela possa se expressar.

Diante de todo esse contexto, como o(a) educador(a) exerce a maternagem? Como lida com situações tão necessárias para o desenvolvimento, que envolvem cuidados físicos e emocionais da criança? O vínculo simbiótico educador-criança acontece? Como se processa a diferenciação? Esses cuidados são dispensados igualmente para crianças brancas e negras?



A IMPORTÂNCIA DO CORPO, DA FALA E DO OLHAR NOS CUIDADOS COM O BEBÊ E A CRIANÇA

1 - O corpo

Dentre as diversas possibilidades dessa caminhada, tomamos o corpo como ponto de partida, por ser ao mesmo tempo um território conhecido e estranho, lugar do real e do imaginário, fonte de prazer, de desassossego e dos aspectos subjetivos. O corpo como ponto essencial a partir do qual vão se desenvolver elementos fundamentais nas relações.

Além de sua função biológica, o corpo adquire vários outros significados que vão mudando ao longo da história. Significados religiosos, culturais, sociais, afetivos, ideológicos. A imagem do corpo é construída também na história do sujeito, ao longo do desenvolvimento da criança.

O contato físico “pele a pele” da mãe e do bebê constitui um importante meio de relacionamento. Em numerosas comunidades tradicionais, conservou-se um lugar privilegiado a este contato que só atualmente se desenvolve nas sociedades ocidentais. Carregar o bebê nas costas, a amamentação maternal

prolongada, o sono noturno da criança sobre o corpo da mãe, as massagens, carícias etc. constituem manifestações importantes desse contato físico.

Em função de seu passado histórico, são atribuídas ao corpo negro significações daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco. “O negro se vê condenado a carregar na própria aparência a marca da inferioridade social” (Nogueira, p. 42). O corpo negro traz uma marca: a cor da pele.

À cor da pele é atribuída uma série de significados e representações sociais e ideológicas. Nessas representações, ser negro significa ser feio, sujo, intelectualmente inferior, ter cabelo ruim. Em contraposição, ser branco tem como significado ser belo, limpo, bom, o que é socialmente aceitável, superior. Essas são algumas das imagens que habitam o imaginário social: o que é ser negro, o que é ser branco.

O sujeito vai construir sua identidade a partir da relação que cria com seu próprio corpo. A consciência corporal (saber como é seu corpo) e a imagem corporal (como vê, como sente seu corpo) são aspectos importantes da auto-aceitação.

Se, como dissemos anteriormente, é o corpo da mãe que dará segurança à criança, uma vez na creche, na escola de educação infantil, é importante que esse corpo possa ser olhado, tocado, acariciado. Atividades que envolvam reconhecer-se em fotografias, desenhar o contorno do corpo em grandes folhas de papel, olhar-se no espelho e conversar com a própria imagem ajudam a criança no processo de consciência e formação da imagem corporal.

Particularmente a atividade com espelho tem um papel importante no processo de desenvolvimento da criança. A psicanálise aponta a importância do que se denominou “estádio do espelho”. Até por volta do oitavo mês costumamos dizer que a criança estranha as pessoas com as quais não tem contato constantemente. Isso significa que ela está começando a perceber a existência de rostos diferentes dos de seus pais, e imagina que o seu também seja diferente. A criança imagina que é idêntica a eles, pois ainda não adquiriu a imagem especular, ou seja, ainda não reconhece como sua a imagem que vê refletida no espelho. Esta é uma experiência que dá à criança o domínio do corpo como uma totalidade, elemento que irá contribuir para formação de sua identidade.

Quando pensamos especificamente no corpo do bebê e da criança negra e na relação que será travada com esse corpo, sabemos que ela poderá estar mediada pelas representações sociais que assinalamos acima. Assim, o(a) educador(a) muitas vezes apresenta resistência em manipular um corpo negro, pois associa a esse corpo aqueles elementos inscritos num imaginário coletivo, ou seja, um corpo feio, um corpo com um cheiro ruim, um cabelo “duro”.

Dessa forma esse corpo não tocado terá, certamente, seu desenvolvimento comprometido. As sensações negativas que provêm dos contatos físicos entre a criança e quem cuida dela, como atitudes bruscas, maus-tratos, agressão física, indiferença, conduzem a distorções ou falhas na imagem corporal.

A qualidade do contato físico irá determinar qual a relação da criança com seu corpo, isto é, se irá amá-lo ou odiá-lo, aceitá-lo ou rejeitá-lo. Esses aspectos constituem a base dos sentimentos em relação ao seu corpo, portanto, em relação a si própria, constituindo assim a base para formação da auto-estima.

2 - O olhar

Ao falarmos da importância do cuidado com o corpo do bebê, destacamos também o cuidado com o olhar. Nesse sentido, preocupa-nos a função do olhar materno que decodifica e codifica as necessidades da criança. O olhar, juntamente com a fala, indica para criança quem ela é, suas necessidades, o que se espera dela. O olhar materno é agora partilhado com outras pessoas e, entre elas, os educadores do ambiente escolar. Para que a criança aprenda a olhar, ela deve ser olhada.

Se num primeiro momento da história pessoal é o olhar da mãe o elemento fundamental para a sustentação emocional, os demais olhares, travados nas inter-relações, irão confirmar ou não, para a criança, se ela é merecedora de cuidado, proteção, respeito.

Se nos estágios mais primitivos o olhar da mãe é o que assegura ao bebê a sua humanidade, a sua singularidade, que características são atribuídas aos bebês negros pelos educadores da educação infantil? Como são colocadas as crianças negras dentro do Eu, dos educadores, dos cuidadores?

A violência da discriminação, na maioria das vezes, é pautada por sutilezas. Uma dessas sutilezas pode ser a forma como se dirige o olhar a alguém. Como é o olhar dirigido à criança negra? É um olhar de desprezo? Um olhar de repulsa? Um olhar de reprovação, de indiferença?

A forma como olhamos pode vir acompanhada de um movimento corporal, um sentimento ou uma idéia que fazemos do outro. Assim, olhares de desprezo, de repulsa, de reprovação, de indiferença serão acompanhados de um distanciamento de quem cuida, e desta forma a criança não terá suas necessidades atendidas, não será cuidada nem terá a proteção de que precisa. Ou seja, a maternagem não estará sendo exercida pelo(a) educador(a). O olhar pode vir carregado de *estereótipos*.

Outra questão para o direcionamento do olhar para o corpo do bebê e da criança diz respeito à atenção e à preocupação que devemos ter com sinais que possam denunciar a ocorrência de maus-tratos. Essa é uma atenção importantíssima, pois assegura nosso zelo com a integridade da criança, garantindo assim uma das funções básicas de proteção a que tem direito.



*“Qualquer perturbação
poderá também, se não
for detectada a tempo
e tratada de maneira
adequada, diminuir
consideravelmente as
capacidades futuras”
(Klein)*

3 - O falar

Agregamos ao toque e ao olhar a fala. Direcionar o olhar para a criança e falar, conversar com ela faz parte das experiências que são vitais no desenvolvimento. Podemos ver o quanto os bebês ficam excitados quando conversamos com eles. Balbuciam, querem nos comunicar algo. À medida que a criança se desenvolve e adquire maior domínio dos códigos da

linguagem, ela quer e gosta de nos contar suas histórias. Muitas vezes na escola ela é repreendida por essa atitude.

Como são ouvidas as histórias que as crianças têm para contar? E as crianças negras, elas contam suas histórias? Elas são ouvidas igualmente? Se não contam suas histórias, são incentivadas a contá-las? Qual é a escuta que temos para as diferentes histórias de vida ou de cada criança negra em particular?

Contar histórias e depois desenhá-las pode ser uma atividade importante não só de elaboração de situações conflitantes como de apropriação de identidade.

A violência da discriminação pode estar presente na fala dirigida à criança. Neste caso, o *quê* e o *como* da fala podem ser reveladores do conteúdo afetivo de quem a expressa: a ternura no cuidado com a criança negra ou a impaciência e a intolerância para com ela.

É uma fala que incentiva aquisições ou habilidades? Que enaltece os atributos físicos (cabelo, cor da pele etc.) ou deprecia nomes, características pessoais? Que valoriza ou despreza o grupo de pertencimento étnico-racial?

A fala de quem educa pode vir carregada de preconceitos e de *discriminações*.



O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL, EMOCIONAL E COGNITIVO

Ao voltar suas preocupações para o desenvolvimento infantil, muitos pesquisadores mostram a importância dos 6 primeiros anos de vida da criança e seu papel capital e preponderante sobre o destino destas. O desenvolvimento ocorrido nesse período é mais rápido do que em qualquer outro período de sua vida. Os primeiros anos têm importância fundamental: desenvolvimento da inteligência, da afetividade, das relações sociais. O desenvolvimento exige tanto uma maturação do sistema nervoso quanto um meio ambiente favorável.

Podemos compreender a organização e o desenvolvimento humano marcados por fases do desenvolvimento psicossexual e do desenvolvimento cognitivo. Cada uma das fases corresponde a uma forma de relação do sujeito com as pessoas ao seu redor: a mãe e o mundo de forma mais ampla. A cada fase do desenvolvimento psicossexual equivale uma parte do corpo, um órgão que naquele momento possui grande influência

nas necessidades biológicas vitais, ou seja, um elo entre o biológico e o emocional.

Assim, a fase oral corresponde à primeira fase do desenvolvimento humano, onde o prazer está ligado de forma predominante à excitação da boca e dos lábios que acompanha a alimentação. Esta fase se prolonga até aproximadamente os 2 anos e meio.

Entre os 2 anos e meio e os 4 anos situa-se a **fase anal**, caracterizada por uma organização que tem a primazia da zona anal. As relações estão impregnadas de significações ligadas à função de defecação (expulsão-retenção) e ao valor simbólico das fezes.

Já a **fase fálica ou genital**, que vai até aproximadamente os 5 ou 6 anos, é caracterizada pela primazia dos órgãos genitais. Vai surgindo, na criança, um interesse pelas diferenças anatômicas entre os sexos. É comum vermos nessa fase as crianças quererem ver os genitais umas das outras.

Por volta dos 7 anos, as crianças entram no **período de latência**, onde se observa diminuição do interesse sexual e aparecimento de sentimentos como pudor ou repugnância e de aspirações morais e estéticas. Diferentemente da fase anterior, começam a ter vergonha de tirar a roupa na frente de outras pessoas. Em especial as meninas tornam-se mais vaidosas.

O desenvolvimento cognitivo, por outro lado, é o progresso gradativo da habilidade dos seres humanos a fim de obterem conhecimento e se aperfeiçoarem intelectualmente. Como nos aspectos emocionais do desenvolvimento, no campo cognitivo também se nota a existência de estágios dentro do processo de crescimento infantil. Isso significa que a natureza e a caracterização da inteligência mudam significativamente com o passar do tempo.

A partir de sua entrada nos ambientes institucionais mais amplos de socialização, ou seja, a creche, a escola de educação infantil, a criança começa ampliar suas relações fora de sua família. Mesmo dependendo da orientação de adultos, a criança se torna, paulatinamente, capaz de desenvolver certas condutas autônomas.

Do ponto de vista cognitivo, é também o período em que a criança percebe o ambiente através dos órgãos dos sentidos, e seus comportamentos

são exercitados no ambiente e modificados pela ação de um outro sobre o qual ela age. Por exemplo, a sensação de desconforto leva ao choro; o choro faz com que a mãe ou um outro tenha uma ação.

No primeiro mês de vida a criança exerce os reflexos presentes no nascimento (sucção, movimento dos membros, dos olhos etc.), depois passa a coordenar reflexos e reações. Por exemplo: a tendência a sugar pode ser aplicada a qualquer objeto que entre em contato com os lábios, mas o bebê logo perceberá, através da experiência, que nem todos os objetos têm as mesmas propriedades. Os lábios e a boca registram as formas dos objetos, seu tamanho, dureza, moleza, calor, saciedade ou não da fome. Essas experiências fazem com que o bebê registre (na memória)



as diferenças entre os objetos e modifique a tendência generalizada de sugar todas as espécies de objetos.

No final do primeiro ano, o comportamento já não é só casual, mas também intencional. Vai gradualmente adquirindo noção de objeto permanente, ou seja, algo existe fora de seu corpo. Pode estabelecer a relação de causa-efeito. Por volta dos 18 meses, a linguagem é uma conquista marcante. Com a aquisição da linguagem, os símbolos mentais começam a ser usados; as palavras são usadas para se referir aos objetos e às pessoas.

Entre 2 e 6 anos, a criança desenvolve a capacidade simbólica, isto é, não depende unicamente de suas sensações, de seus movimentos, mas já distingue o significador (imagem, palavra ou símbolo) do significado (pensamento simbólico e intuitivo pré-operatório), assim como vivenciará as fases anal e fálica e passará pelo período de latência.

Há nesse período uma explosão lingüística. Aos 3 anos o vocabulário da criança atinge cerca de mil palavras; ela compreende de 2 mil a 3 mil palavras e já estrutura frases complexas.

Algumas das características do pensamento infantil apontadas por Piaget nesse segundo estágio são: **egocentrismo**, ou seja, a incapacidade de se colocar no ponto de vista do outro. É muito difícil, nessa fase, aceitar o ponto de vista de outra pessoa quando diferente do dela; **centralização**: antes dos 7 anos a criança focaliza apenas uma dimensão do estímulo que recebe, centralizando-se nela e sendo incapaz de levar em conta mais de uma dimensão ao mesmo tempo; **animismo**: a criança atribui vida aos objetos. Supõe que são vivos e capazes de sentir, crescer etc.; **classificação**: após os 5 anos consegue agrupar os objetos com base no tamanho, na cor ou na forma.

A importância de conhecermos essas características do desenvolvimento está em que, a partir delas, podemos identificar e melhor compreender várias situações ou comportamentos de nossas crianças.

Desde o nascimento e durante toda a infância, várias transformações vão se dando e novos domínios vão sendo adquiridos, tanto acontecimentos em nosso mundo interno quanto na realidade externa. As formas como puderam vivenciar esses momentos serão fundamentais na estruturação de sua personalidade.



A FAMÍLIA NA HISTÓRIA – A HISTÓRIA DA FAMÍLIA

Buscar entender o significado de família implica admitir que esta sofre transformações e adaptações em função da época, da cultura, das condições sociais, das crenças e valores.

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, de 1980, declara que o convívio familiar é fundamental para qualquer ser humano, pois é o elemento básico da sociedade e o meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros, em particular das crianças.

Alguns cientistas sociais, psicólogos e psicanalistas têm se debruçado sobre o estudo da origem e do papel da família. Com base neles podemos apresentar algumas definições e funções da família:

- Conjunto de normas e regras, historicamente constituídas, que regem as relações de sangue, adoção, aliança, definindo a filiação, os limites de parentesco, da herança e do casamento. (Fukui, 1998)
- Conjunto de valores definidos como ideologia, estereótipos, prescrições,

“O filho representa coisas muito profunda na vida de seus pais. Pode ser: a expressão do amor e da união; a necessidade de transcendência através de gerações; a alternativa de salvar o casamento; a vontade de dar um irmão ao filho mais velho; o desejo de ver realizado no filho muito do que não conseguiu construir na própria vida; a busca da comprovação da fertilidade; ou até mesmo, a maneira de evitar enveredar por opções da vida diferentes da maternidade” e acrescento: vidas diferentes da paternidade.

Maldonado

imagens, representações sobre o que ela é e **deve ser**. (Fukui, 1998)

· Estrutura social básica onde se dá um interjogo diferenciado de papéis, sendo integrada por pessoas que convivem por um tempo prolongado em inter-relação com uma dada cultura e sociedade. (Soifer, 1982)

· Instituição provedora das forças no interior da criança; manifesta-se através de controles proibitivos e ético-políticos que limitam e permitem organizar, de maneira sadia, as forças emocionais no desenvolvimento do sujeito. (Otalagano, 1971)

Ao falarmos do Brasil, temos como quadro de referência os muitos “Brazis”, um perfil de heterogeneidade nas condições de vida, de inserção histórica, de poder econômico e político.

Numa abordagem psicodinâmica, a família constitui a sede dos acontecimentos mais significativos na vida do indivíduo. Se a experiência familiar é negada ou de alguma forma desatendida, o indivíduo estará mais predisposto ao desenvolvimento de condutas que variam numa gama muito grande entre o normal e o patológico.

No século XVI, período de escravidão em nosso país, os recém-nascidos eram entregues aos cuidados de uma ama-de-leite, que amamentava e cuidava deles em seus primeiros anos de vida. Eram as mulheres negras que desempenhavam esse papel, o que as obrigava, na maioria das vezes, a abandonar seus filhos para servirem de amas-de-leite às crianças brancas.

A história nos mostra que até o século XVIII predominava uma conduta de indiferença materna. No século XIX “come-

“no ninho vazio, ... não sabem como viver”,

Maldonato

çou-se a ressaltar a importância da presença da mãe na transmissão de conhecimento e de instrução religiosa, criando-se o costume de colocá-la como principal responsável pelos filhos até completarem 7 anos, época em que ingressariam na idade adulta” (Maldonado, 1989).

A importância do cuidado e a exaltação do amor materno surgem no final do século XVIII entre filósofos, médicos e políticos. Inicia-se no século XIX o culto à maternidade e dessa forma amplia-se o lugar da mãe e da criança na sociedade.

O século XX é marcado por uma série de teorias psicológicas, entre elas a psicanálise. Inicialmente essas teorias tendiam a responsabilizar a mãe pelos problemas apresentados pelas crianças. Porém, no final desse mesmo século surgem estudos e pesquisas que começam a levar em conta a dinâmica familiar e suas inter-relações com fatores sociais e econômicos para entender os problemas do desenvolvimento emocional.

O que este brevíssimo apanhado histórico nos aponta é que o vínculo entre mãe e filho não está ligado ao chamado “instinto materno”, não depende única e exclusivamente de laços sangüíneos, tampouco é um fator biológico.

A exaltação do amor materno é algo recente na história da humanidade. O vínculo, o amor mãe-filho é algo construído. É algo que é dependente do convívio, da disponibilidade de cuidar da criança, de acompanhar seu desenvolvimento. Do ponto de vista subjetivo, inconsciente, que lugar essa criança vem ocupar na vida da mãe, do pai, do casal, da família?

Dessa forma, ter um filho acarreta profundas alterações intra e interpessoais, com possibilidades de revisões, ampliações e modificações.

Mesmo com todas as transformações sociais do século XX no que diz respeito à entrada da mulher no mercado de trabalho, assumindo juntamente com o homem até mesmo a sustentação financeira da família, ela ainda permanece como a principal responsável pelos cuidados dos filhos. A culpa, então, nesses casos, é inevitável.

Para as mulheres das chamadas “classes populares”, “classes empobrecidas”, entrar para o mundo do trabalho, mais do que uma conquista, é uma necessidade.

A formação de um casal é permeada por ideais, expectativas, sonhos etc. – alguns explícitos ou implícitos, conscientes ou inconscientes. A união de um casal pode contemplar a presença de filhos, e não é raro vermos se intensificarem dificuldades conjugais já existentes com a chegada desse filho: há toda uma mudança na rotina do casal em função do bebê. Modificam-se horários de dormir, de refeições; a vida social diminui ou extingue-se; a intimidade do casal e a vida sexual restringem-se. Não é mais um casal, é uma família!

“É preciso enxergar na diversidade, não apenas os pontos de fragilidade, mas também a riqueza das respostas possíveis encontradas pelos grupos familiares, dentro de sua cultura, para as suas necessidades e projetos”

Afonso & Figueira

Várias circunstâncias vão invadindo a vida do casal: emprego-desemprego, falta de espaço para as crianças brincarem, violência das cidades, falta de infra-estrutura de apoio que dê retaguarda às famílias. Essas situações fazem com que muitos casais se sintam exauridos, consumidos, impotentes e no extremo sentem-se fracassados em seus ideais, expectativas e sonhos.

Outra situação possível é a mulher que optou pela renúncia aos estudos, ao trabalho, a uma possível realização profissional para dedicação exclusiva aos cuidados dos filhos. O crescimento e a separação destes é um processo inevitável.

Quando acontece a separação do casal, na maioria das vezes é a mãe que fica com os filhos. Assume as funções de chefe de família, os papéis de mãe e pai, inclusive as responsabilidades financeiras.

A vida urbana, o trabalho da mulher fora de casa, as alterações nos modos de vida fizeram desaparecer a chamada “família ampliada” para dar lugar às famílias nucleares – pais e filhos. Outras configurações também são muito observadas hoje em dia: mãe-filhos, mãe-companheiro-filhos, famílias homossexuais etc. Os meus, os seus, os nossos filhos... Essas novas configurações exigem novos modelos de relações interpessoais no seio das famílias e conseqüentemente um novo olhar das instituições para essas novas conformações e/ou arranjos familiares.

O que vimos apontando ao longo do texto compõe as condições ne-

cessárias e ideais para o desenvolvimento infantil. Se nos debruçarmos sobre a realidade concreta de nossa sociedade, veremos outro quadro. Sabemos também que a grande maioria das famílias brasileiras está longe dessa condição ideal.

E, ao olharmos mais detidamente para os usuários das instituições públicas, vemos que estas são utilizadas pelas camadas mais empobrecidas da população e, dentre esses empobrecidos, estão as famílias negras, conforme diversos institutos de pesquisas socioeconômicas nos mostram.

Como herança de um passado histórico no qual os negros foram escravizados, temos as famílias negras como detentoras de indicadores socioeconômicos extremamente desfavoráveis, com um quadro de desvantagens econômicas, educacionais, sem acesso a bens e serviços de qualidade, fatores que vão incidir, diretamente, nas condições objetivas e subjetivas de acolhimento às suas crianças, podendo influir no desenvolvimento infantil.

Nas relações institucionais e, dentre elas, a escola, as expectativas em relação à família estão, no imaginário coletivo, impregnadas de idealizações. Entre as expectativas estão que ela produza cuidados,





proteção, aprendizado de afetos, construção de identidades e vínculos relacionais de pertencimento capazes de promover melhor qualidade de vida a seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e na sociedade em que vive.

O papel do educador então deve ser pensado como complementar e auxiliar no papel da mãe e da família e não como concorrente ou acusador.

O educador, o cuidador arroga-se um saber sobre o que é melhor para aquela criança e para aquela família, prescreve ações e comportamentos a serem seguidos, buscando ajustar esse grupo num determinado modelo. Ações que se dão a partir do que chamamos intersubjetividade e não estão imunes à neutralidade, tanto do ponto de vista da intencionalidade como da perspectiva ideológica.

Nas relações institucionais existe uma tendência a desvalorizar o modo como as famílias se organizam, seus valores, suas crenças e seus saberes. Este encontro ou desencontro entre a família e os profissionais com

quem partilha os cuidados com seus filhos adquire uma densidade muito forte, que mobiliza intensos conteúdos emocionais – raiva, vergonha, impotência, culpa. A família muitas vezes se sente incapaz de atender às exigências institucionais.

Diante de relações como estas, ou a família abandona a instituição, ou delega a esta o cuidado e a responsabilidade sobre seu filho, ficando numa posição passiva, de espectadora, de submissa.

Assim, quando direcionam seu olhar às famílias negras, as instituições levam consigo também um imaginário coletivo carregado de preconceitos, estigmas e estereótipos que podem resultar em discriminações e humilhações.

Acreditamos também que os profissionais da área de educação têm recebido pouca atenção e capacitação para lidar com questões tão complexas como são as relações étnico-raciais no contexto escolar e principalmente com crianças em idade pré-escolar.

Muitas vezes os educadores, operadores sociais e cuidadores, além de não terem formação suficiente, ficam identificados com os assistidos, devido a aproximações existentes tanto do ponto de vista socioeconômico, das condições de vida, quanto do pertencimento a grupos étnico-raciais considerados desfavorecidos.

Numa experiência para capacitação de educadores de creche, foi possível constatar como eles exercem suas funções com base em como viveram suas questões como filhos, podendo ou não elaborá-las, de modo que essas vivências da própria infância auxiliam ou atrapalham na representação que constroem de outras crianças. Isso produz fortes identificações, que impedem e/ou dificultam exercer suas funções. Outra observação foi constatar a dificuldade que muitos educadores têm de lidar com mães e famílias das crianças atendidas, adotando mecanismos de exclusão destas famílias e mantendo apenas atitudes de cobrança e vigilância.

Diante da complexidade das questões, é fundamental que as instâncias envolvidas – escola e família – criem espaços de diálogo: **fala e escuta**.

Algumas instituições vêm dando ênfase na escuta das queixas das famílias e de alguns de seus membros. Essa disponibilidade para escuta

pode propiciar a busca de soluções e de atitudes de cooperação, com a elaboração de projetos e ações que levem em consideração necessidades e diversidades; com a abordagem das diferenças étnico-raciais colocada no centro das discussões e ações das instituições de ensino; com a participação da comunidade nessas ações de forma pró-ativa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A constituição do sujeito e o desenvolvimento infantil (físico e emocional), aliados à história da família e do grupo étnico-racial ao qual pertence a criança, são elementos que irão compor o sentimento de bem-querer que a pessoa constrói por si mesma.

São ingredientes que darão a ela a possibilidade de reconhecer-se e valorizar suas qualidades e potencialidades. Sua estética, sua cultura, enfim, seu pertencimento. Ingredientes que a farão também reconhecer e respeitar suas limitações e buscar formas de superá-las.

Como ajudar, respeitar a criança negra e incentivar os seus alunos para o respeito à diversidade?

- Estabeleça relações entre todas as crianças por meio de jogos e brincadeiras;
- Converse com as crianças negras ao perceber sinais de isolamento, tristeza, agressividade, para saber como elas estão se sentindo no ambiente escolar;

Dizer para uma criança “você é burra”, “você é feia”, “você não sabe fazer nada” é fazer com que ela seja realmente assim e plantar as sementes da auto-depreciação em seu inconsciente.

· Elogie as crianças negras quando perceber que estão enfrentando dificuldade e vivendo conflito com relação a sua auto-imagem: elogie, incentive a apreciação de sua imagem no espelho, reforçando a beleza de sua cor, de seu cabelo, de sua história e da história do povo negro;

· Utilize livros e histórias em quadrinhos com personagens negros por meio dos quais ela possa se “ver” e se identificar;

· Crie histórias em que elas sejam colocadas como personagens positivas;

· Procure fazer com que a escola como um todo discuta com as crianças a questão da diferença, fazendo com que elas convivam de forma positiva com diferenças de qualquer ordem: raciais, sexuais, religiosas ou sociais.

Sabemos, no entanto, que não podemos e não devemos desconsiderar as condições concretas que se apresentam aos educadores no espaço escolar.

Portanto, o desafio é envolver toda a comunidade escolar (direção, coordenação pedagógica, educadores, pessoal de apoio, família, comunidade) e tornar as questões relativas às relações étnico-raciais no ambiente escolar uma preocupação de todos, rompendo o silêncio.

PERGUNTAS E RESPOSTAS*

** Fragmentos extraídos do livro *Gostando mais de nós mesmos*.*

1. Auto-estima. O que é isso?

É a estima por si próprio. É a pessoa gostar de si mesma, aceitar-se com seus defeitos e virtudes, dar o merecido valor às qualidades que possui e buscar corrigir suas dificuldades.

Mas isso nem sempre é fácil. Um processo, em grande parte inconsciente, leva a pessoa, desde muito cedo, ao inquietante conflito de amar ou não a si própria. Só se pode dar o que se tem, e este amor por si mesma possibilita à pessoa amar o outro.

A construção desse sentimento (auto-estima) inicia-se na relação mãe (ou pessoa que a representa) e filho. Se a mãe não oferecer amor, segurança e confiança, o bebê terá de ir buscar esses sentimentos em outras relações.

A criança branca deve entender, assim como a criança negra, as diferenças entre os indivíduos.

A educação de qualquer criança deve estar pautada pelo respeito ao outro e a si mesma.



2. O que faz uma pessoa não ter auto-estima?

Na verdade, não existe pessoa nenhuma sem auto-estima. Pode-se ter auto-estima reduzida, devido a experiências ruins.

A insistência em apontar somente os erros de uma pessoa, por exemplo, tende a fazer com que ela não aprenda a se amar, a se aceitar.

A criança que cresce sem ter garantidas as suas necessidades básicas de afeto, atenção, alimentação e higiene terá a sobrevivência seriamente comprometida. A identidade do ser humano é formada através da relação com o outro, com base no processo original de identificação.

3. A auto-estima reduzida pode ser um problema exclusivo de uma determinada etnia?

Não. A auto-estima é uma peculiaridade do ser humano, portanto, a sua redução não depende de cor da pele ou ascendência, mas das condições oferecidas ao sujeito para que desenvolva o amor, o respeito por si mesmo e adquira mais segurança diante das adversidades e dos obstáculos que deve vencer em seu caminho.

Pode ocorrer que, ao receber, via cordão umbilical, informações provenientes do sofrimento, da descaracterização e das angústias da mãe provocadas pelo drama da discriminação racial, o feto seja atingido, pois já nasce de uma matriz comprometida em sua auto-imagem.

Por isso, a estimulação ambiental, desde os primeiros dias de vida, é um antecedente importante para o equilíbrio.

4. Trabalhar a auto-estima de brancos é diferente de trabalhar a auto-estima de negros, orientais ou índios?

Quando o terapeuta trabalha a auto-estima, o objetivo é um só: ajudar a pessoa a aprender a se amar.

As estratégias para alcançar esse objetivo, entretanto, variam de acordo com a história pessoal e coletiva de cada um. É importante que o profissional desenvolva a empatia, isto é, a capacidade de se colocar no lugar do outro. Para isso, deve buscar conhecer as particularidades das diversas culturas e trabalhá-las com entusiasmo.

5. O que fazer quando a criança rejeita sua condição racial?

Se a criança rejeita sua condição, primeiro procure entendê-la. Seja paciente. Ouça suas dúvidas, seus medos e sua falta de compreensão sobre o assunto. A rejeição é a defesa contra aquilo que não quero para mim, porque me faz mal. A rejeição à condição racial é aprendida no decorrer do processo de socialização dos indivíduos negros, porque vivemos em uma sociedade que nega qualidades positivas aos negros.

Assim, a criança que nega ou rejeita sua condição racial o faz por-

*... ao prejudicar
uma criança negra,
o professor estará
produzindo efeitos sobre
o conjunto das outras
crianças e incentivando,
indiretamente, atitudes
incompatíveis com o
processo educacional.*

*Se a criança vive com
aprovação, ela aprende a
gostar de si mesma.*

que recebe provas diárias de que o outro (o branco, por exemplo) ocupa todos os espaços sociais, e as pessoas do seu grupo racial, não.

Quando a criança diz que não quer ser negra, está mostrando que não quer ser maltratada, ridicularizada, envergonhada, ter seu valor diminuído etc.

Diante disso, pais e educadores devem dar a essa criança carinho, muito carinho, porque ela está enfrentando crises emocionais pesadas demais para sua idade.

Mostre a essa criança afro-descendentes nas mais diversas atividades profissionais e papéis sociais, para que ela perceba as muitas possibilidades. Conte histórias que revelem a beleza do negro. Ensine-a a valorizar os traços étnicos de seu corpo. Ame de verdade essa criança.

6. A partir de que idade se deve conversar com uma criança sobre a questão racial?

Deve-se falar de negritude desde que a criança nasce. Ela vai reconhecer-se negra desde que você a identifique assim. Esse tipo de conversa deve ser possibilitada pela família no dia-a-dia, ao assistir à TV, ler revistas, em conversas com amigos, num simples comentário.

Deixe que ela ouça falar sobre problemas raciais, não censure. Caso surjam perguntas, use uma linguagem simples, respeite seu nível de compreensão e só diga o que ela quer saber e pode compreender.

Normalmente, as situações de preconceito entre as crianças acontecem na hora das brincadeiras, através de xingamentos ou ofensas que parecem surgir do nada, mas são uma forma de defesa. Mostre às crianças a importância dos valores duradouros, como bondade, generosidade, tolerância e sinceridade. Tudo isso vai ajudá-la a tomar algumas atitudes diante da discriminação.

7. Qual deve ser a atitude dos pais ou responsáveis quando o filho diz: “Ele me xingou de negrinho”?

Como em qualquer situação difícil, a criança deve ser acolhida com carinho e atenção. É o momento do colo, do abraço. Deve-se perguntar o que ela está sentindo e, principalmente, ficar atento às suas reações.

Depois, quando houver um clima de tranquilidade, converse com a criança sobre o ocorrido, fale das diferenças raciais, tudo em linguagem simples e de fácil compreensão, para que ela possa ter uma reação mais adequada diante de outra situação semelhante.

O que a criança precisa é ser cuidada, ou seja, precisa de alguém capaz de demonstrar concretamente seu amor através de atitudes e emoções. Alguém que lhe sirva de espelho.

A criança precisa se ver nos olhos do adulto que cuida dela, e, a par disso, conta muito a capacidade que esse adulto tem de demonstrar carinho.

8. Como pais ou responsáveis (educadores) brancos, negros ou orientais podem transmitir o sentimento de auto-estima para a criança negra?

Ninguém dá o que não tem, especialmente para os filhos. Até porque a comunicação que as crianças mais entendem é a não-verbal. Quanto mais novas, mais elas entendem o afeto transmitido pelo contato físico, por abraços, beijos, carinhos. Então, alguém que se ama, que tem segurança de seus sentimentos, está certamente mais preparado para ajudar a criança a desenvolver sua auto-estima.

É fundamental estabelecer relações de afeto com a criança, ajudá-la a identificar e nomear suas emoções. O diálogo é importante para criar um clima de confiança e cumplicidade. É preciso:

- Incentivar diariamente a criança a apreciar sua imagem;
- Reforçar a beleza da sua cor, do seu cabelo;
- Possibilitar à criança “descobrir”, especialmente, sua inteligência e as muitas habilidades que podem ser trabalhadas;

- Oferecer à criança revistas, livros e histórias com personagens negros nos quais ela possa se “ver” também tem resultados interessantes.

9. Como posso ajudar a escola a contemplar de forma positiva a temática racial?

Adquirindo material que permita às crianças perceber a diversidade racial. A biblioteca da escola deve ser equipada com livros, brinquedos e material pedagógico que tenham personagens negros apresentados de maneira positiva.

Nem sempre o preconceito é tão explícito. Às vezes, ele se manifesta na forma como os professores tratam a criança, como se ela fosse menos inteligente. Oferecem a ela menos carinho e permitem que os colegas a deixem fora das atividades ou destinem-lhe, por exemplo, papéis inferiores em brincadeiras e jogos.

O preconceito não deve ser aceito em hipótese alguma. A pessoa que discrimina deve ser levada a entender sua atitude como errada e intolerável. A indução e a propagação do racismo e da discriminação são condenadas perante a lei.

10. Que reações pode ter uma criança quando percebe que os colegas têm problemas em relação a ela?

Auto-rejeição, rejeição aos seus iguais; rejeição por parte do grupo; desenvolvimento de auto-estima reduzida e ausência de reconhecimento da capacidade pessoal; timidez; apatia, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; emoções represadas, gestos e falas contidos; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento étnico; agressividade aparentemente sem motivo; submissão (docilidade) excessiva; recusa em ir à escola e dificuldade de aprendizagem fazem parte da lista de reações que a discriminação na escola pode gerar na criança.

Os pais ou responsáveis devem acolher a criança e deixar que ela se expresse, o que pode exigir muita calma e paciência.

11. A criança que se isola em sala de aula, por exemplo, está com problemas de auto-estima por se perceber diferente da maioria?

As crianças também têm muito a dizer e são capazes de problematizar suas próprias posturas. O professor deve chamar sempre a criança que se retrai à participação porque ela pode estar, no fundo, se isolando para se proteger de outras situações de rejeição e não ser mais ofendida.

A principal condição é estabelecer relações com a criança através de conversas, brincadeiras, jogos etc.

12. Não tenho preconceitos. Por isso fico indignado(a) quando as pessoas falam sobre racismo. Falar de racismo não é inventar problema onde não existe?

O ideal seria que as pessoas fossem tratadas com igualdade de direitos e deveres. Mas é isso que acontece? Não falar não significa que não incomodou, que ninguém percebeu, que não doeu. Negar, muitas vezes, é mais prejudicial do que buscar olhar a dor de ser chamado de “macaco”, de ser recusado... Às vezes, é tão violento o impacto que a pessoa demora um tempo para se dar conta e ter uma reação. Outras vezes, tem a impressão de que algo não vai bem e, se mexer, vai piorar. Mas se ela deixar passar pode explodir e, em geral, as conseqüências são mais graves.

13. Como professores devem agir em relação à criança negra na escola?

A tarefa do(a) educador(a) não consiste somente no ensino de conceitos. Outra tarefa, tão importante quanto, é influenciar e contribuir favoravelmente para o desenvolvimento da personalidade das crianças, na medida em que a escola passa a ser o ambiente que complementa o convívio familiar. Nesse sentido, estar atento às reações infantis individuais e coletivas torna-se uma tarefa de sensibilidade e cuidado por parte dos educadores e da escola.

A artificialidade nas atitudes – isto é, cumprir o papel de professor apesar de intimamente não compartilhar dos ideais humanitários – será ime-

diatamente captada pela criança, que, principalmente na primeira infância, possui a percepção do que não é dito, podendo reagir com distúrbios de comportamento freqüentemente relatados pela escola como agressividade, recusa em obedecer a regras ou dificuldades de aprendizagem.

Ao sair da escola, a criança deve não só ter adquirido conhecimentos mas também ter conseguido desenvolver sua identidade como ser humano independente e consciente de si próprio, para enfrentar o mundo fora do ambiente familiar. Caso contrário, poderá se sentir não adaptada e oprimida socialmente, buscando refúgio na dependência familiar.

Para saber mais

· SILVA, Ana Célia da. *A desconstrução da discriminação no livro didático*.

· *De olho no preconceito: um guia para professores sobre racismo em livros para crianças*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Cortez, 1990.

· CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio da escola: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

· MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

· *Kiriku e a feiticeira*, filme de Michel Ocelot.

Referências bibliográficas

AJURIAGUERRA, J. de. *Manual de psiquiatria infantil*. São Paulo: Masson, 1983.

BOCK, Ana Mercês B., FURTADO, O. e TEIXEIRA, Maria de L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*.

BUSNEL, Marie-Claire (Org.). *A linguagem dos bebês*. São Paulo: Escuta, 1997.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FRÉCHETTE, L. *“Holding” : além das palavras e do toque*. Trad. REGHIN, L. R. O. Mimeo, 1993.

Fukui, Lia - Família: Conceitos, Transformações nas últimas décadas e paradigmas. In: Silva, L.A P., Stnisci, Silvia A., Bachetto, S (orgs.) Famílias Aspectos conceituais e questões metodológicas em projetos. São Paulo: FUNDAP, 1998

KLEIN, Melanie. *O sentimento de solidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1963.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Miranda, M.A. - A Beleza Negra na Subjetividade das Meninas. “Um Caminho para as Mariaszinhas” Considerações Psicanalíticas. Dissertação de Mestrado. IPUSP, 2004.

NOGUEIRA, I. B. *Significações do corpo negro*. Tese de doutorado, IP/USP, 1998.

MALDONADO, M. T. *Maternidade e paternidade*. Petrópolis: Vozes, 1989.

OAKLANDER, Violet. *Descobrimos crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus, 1980.

OLIVEIRA, Ivone Martins de. *Preconceito e autoconceito*. Papirus, 1994.

OTALAGANO, C.A. - Desordem Mental y medio familiar. In Alter Jonal de Est. Psicod.. Brasília, vol.1 n.2, jan/ma, 1971.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SOIFER, R. - Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo, Petrópolis: Editora Vozes, 1982

SPITZ, René A. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinqüência*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

Vários autores, vários colaboradores. *Gostando mais de nós mesmos: perguntas e respostas sobre a auto-estima e questão racial*. São Paulo: Gente, 1999.

GLOSSÁRIO DA COLEÇÃO

Auto-aceitação: ato ou efeito de aceitar a si mesmo; acolhimento. Disposição de experimentar, acolher e assumir responsabilidades pelos próprios pensamentos, sentimentos e ações.

Auto-estima: sentimento amoroso que uma pessoa é capaz de nutrir por si mesma. Reconhecimento e valorização das próprias qualidades, potencialidades e atributos físicos e respeito às próprias imperfeições e limitações.

Axé: palavra de origem iorubá que significa força vital. Trata-se da força-ser que estrutura o universo. Em língua bantu: ntu.

Casa-grande: habitação senhorial, geralmente o centro de uma propriedade rural (engenho de açúcar, fazenda de café ou gado) em que habitavam o senhor proprietário, seus familiares e agregados.

Discriminação positiva: termo usado atualmente com a finalidade de reparar erros que foram secularmente cometidos e endossados pela sociedade. Exemplos: bancos diferenciados para idosos no transporte coletivo; cota mínima para mulheres nas representações de partidos políticos; cota mínima para indígenas e afro-descendentes nas instituições de ensino superior.

Discriminação racial: ato de discriminar uma pessoa tendo como base sua raça/cor da pele, com a intenção de preteri-la, ofendê-la, excluí-la ou inferiorizá-la. Pode ser um ato explícito, dirigido diretamente à pessoa-alvo, ou um ato camuflado.

Discriminar: separar com base em categorias. Por exemplo, ao criar a categoria cor, discrimina-se o azul do amarelo, do roxo, do preto, do cor-de-rosa. Ao criar a categoria som: discrimina-se o som alto do baixo, do agudo, do grave. A discriminação deixa de ser somente um ato de separação que visa organizar algo dentro de categorias inventadas pelos humanos quando é apoiada em valores por meio dos quais são estabelecidas hierarquias.

Estereótipo: clichê, rótulo, modelo rígido e anônimo, com base no qual são produzidos, de maneira automática, imagens ou comportamentos. Chavão repetido sem ser questionado. Parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo.

Estigma: refere-se a algum atributo ou qualidade de natureza depreciativa que se apresentam como verdadeiros, mas que de fato foram forjados nas relações sociais, geralmente num contexto de disputa ou competição. Por isso, o estigma, quer individualmente ou socialmente, pode ser usado, por exemplo, como instrumento para justificar a exclusão de uma pessoa ou grupo da participação efetiva na sociedade.

Flexibilidade: qualidade de flexível, elasticidade; capacidade dos indivíduos de enfrentarem as mudanças sem apegos inadequados ao passado e sem dificuldades para lidar com o que é novo.

Identidade: produto dos papéis sociais que o sujeito assume em suas relações sociais; sentimento que uma pessoa tem de possuir continuidade, como distinguível de todas as outras. “Os termos ‘identidade’ e ‘subjetividade’ são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. ‘Subjetividade’ sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre ‘quem somos’. (...) As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (Kathryn Woodward).

Identificação: processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro, e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constituiu-se e diferencia-se por uma série de identificações.

Personalidade: organização constituída por todas as características cognitivas, afetivas e físicas de um indivíduo; o elemento estável da conduta de uma pessoa; sua maneira habitual de ser, aquilo que a distingue de outra.

Preconceito: “é um juízo preestabelecido, baseado em mera crença ou opinião que formamos sem conhecer devidamente a realidade sobre a qual nos manifestamos. Portanto, pré-conceito significa ‘conceito prévio’, formulado sem o cuidado de permitir que os fatos sejam investigados e possam contrariar nossos julgamentos ou opiniões” (Renato Queiroz). “O preconceito é entendido, em geral, como uma atitude hostil em relação a um grupo de indivíduos considerados inferiores sob determinados aspectos – morais, cognitivos, estéticos – em relação ao grupo ao qual o preconceituoso pertence ou almeja pertencer” (José Leon Crochik).

Preconceito racial: concepção sem exame crítico, formada a priori, transmitida culturalmente de geração em geração. Caracteriza-se por idéias assumidas com propriedade, sem reflexão sobre sua racionalidade e sobre a conseqüência de aderir ou não a elas.

Psique: a alma, o espírito, a mente.

Psiquismo: conjunto de fenômenos ou de processos mentais conscientes ou inconscientes de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos.

Racismo: explicação criada, no século XIX, para justificar a ação política de discriminação, segregação, exclusão e eliminação baseada na idéia de que existem raças humanas com características determinadas e imutáveis, atribuídas a todos os indivíduos pertencentes a este grupo e transmitidas hereditariamente. A cada raça biológica corresponderiam também traços de cultura, valores, ciências, de modo que as “raças” mais evoluídas deveriam dominar e comandar as menos evoluídas, para o bem da própria humanidade. O racismo é uma ideologia ou forma de dominação que explica e justifica que essas supostas raças superiores dominem ou eliminem as consideradas inferiores.

Senzala: espaço, na casa-grande ou sobrado senhorial, reservado ao abrigo dos escravos. Geralmente de uma só porta e sem janelas para evitar fugas. Lugar insalubre onde se prendiam homens e mulheres de todas as idades. Na origem (Angola), significava “residência familiar”.

Subjetividade: dimensão do ser humano que está para além dele, não se restringindo a uma essência interna. É constituída pelos níveis individual e social; é histórica, construída e se desenvolve nos processos das relações sociais dentro das culturas onde as pessoas vivem.

Quilombo: na origem (Angola), significa acampamento e, por extensão, os locais onde se reuniam os prisioneiros destinados à escravidão antes de serem embarcados nos tumbeiros. No Brasil, desde a Colônia, ganhou nova conotação a partir do momento em que o refúgio/acampamento de escravos fugidos passou a ser identificado para combate e desmantelamento. A palavra mocambo também é utilizada com o mesmo significado, embora na origem (quicongo) designe telhado de habitação miserável.

Valores civilizatórios africanos: no Brasil existem valores originários da matriz africana que constituem elementos fundadores de nossa cultura: solidariedade, sociabilidade, hospitalidade, gestualidade, musicalidade.

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola* é composta pelos seguintes volumes:

1. Percepções da diferença.

Autora: Gislene Aparecida dos Santos

2. Maternagem. Quando o bebê pelo colo.

Autoras: Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins

3. Moreninho, neguinho, pretinho.

Autor: Cuti

4. Cabelo bom. Cabelo ruim.

Autora: Rosângela Malachias

5. Professora, não quero brincar com aquela negrinha!

Autoras: Roseli Figueiredo Martins e Maria Letícia Puglisi Munhoz

6. Por que riem da África?

Autora: Dilma Melo Silva

7. Tímidos ou indisciplinados?

Autor: Lúcio Oliveira

8. Professora, existem santos negros? Histórias de identidade religiosa negra.

Autora: Antônia Aparecida Quintão

9. Brincando e ouvindo histórias.

Autora: Sandra Santos

10. Eles têm a cara preta!

Vários autores

ISBN 978-85-296-0082-6 (Obra completa)

ISBN 978-85-296-0083-3 (Vol. 1)